

## TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

## Briga entre Flávio e Michelle atinge casamento de Bolsonaro

Neste sábado, 5, Carlos Bolsonaro, o filho Zero-Dois do ex-presidente Jair Bolsonaro, visitou o pai na prisão domiciliar e deixou nas redes sociais o que está sendo entendido por aliados como um recado.

Ciente da briga entre sua mulher, Michelle, e o Filho Zero-um, Flávio, Bolsonaro pai está do lado dos filhos. É o que deu a entender Carlos Bolsonaro. Ou seja, embora Michelle tenha declarado que o marido sabia do vídeo, Carlos passa a mensagem de que o pai não soube antecipadamente do conteúdo e muito menos concordou com o que ela disse. Tanto assim que está muito bem com os filhos. Disse Carlos no twitter:

“Foram duas horas de boas conversas, que o fizeram [a Jair Bolsonaro] recordar momentos ao lado das pessoas, no mar e nas ruas. Chegamos o mais próximo disso, e foi muito importante para nós. Ele está ciente de tudo o que se passa aqui fora, embora esteja, obviamente, impedido de acessar conversas nas redes sociais. Anteriormente, recebeu a visita do meu irmão @FlavioBolsonaro e disse que a conversa foi muito boa e tranquila. Perguntou também sobre meu irmão e seu filho [Eduardo], @BolsonaroSP, pois eles não podem ter contato. Disse a ele que segue trabalhando como sempre.”

Tradução de aliados de Flávio nas redes:

1) Jair Bolsonaro teve “duas horas de boas conversas” com o filho que sempre teve o pior

relacionamento com a madrasta;

2) Ele está “ciente de tudo” que se passou (ou seja, ciente da briga)

3) Antes, Bolsonaro também conversou com Flávio Bolsonaro;

4) Bolsonaro disse a Carlos que a conversa com Flávio foi “muito boa e tranquila”.

Vale notar que Carlos não citou o nome da madrasta. Deixou claro dois campos: o dos filhos citados, e o resto. Michelle está no resto.

Você, caro leitor, que tem uma vidinha comum, acha que seu casamento sobreviveria assim, com sua mulher em guerra aberta com os filhos, e com você do lado dos filhos?

É provável que sua resposta seja não, não sobreviveria o casamento. Mas entre políticos as coisas são diferentes. Eles precisam avaliar com cuidado os custos de uma crise, um rompimento às vésperas de uma eleição, ou da possibilidade de manter a crise sob controle.

Lula passou por isso recentemente com um dos seus melhores amigos dentro do PT, o então líder do governo no Senado, Jaques Wagner, apontado como envolvido no caso do Banco Master. O presidente e seu alto comando avaliaram que não dava para manter a crise sob controle com Wagner no cargo, e decidiram tirá-lo dos holofotes. O amigo foi afastado da liderança do governo.

Essa é a pergunta que o alto comando do PL, Bolsonaro e seus filhos estão se fazendo sobre a campanha eleitoral de Flávio, considerada decisiva para o pai poder sair da prisão: vai dar para manter a crise em suspensão? O pai poderá manter o casamento e sem ferir a campanha do filho?

Trata-se de uma lição que tanto o clã Bolsonaro quanto Lula e os petistas já estão tirando: o mais difícil em eleições é quando as situações pessoais do candidato colidem com as necessidades das campanhas. Um rompimento quase sempre é inevitável.

## MÁRCIO COIMBRA

CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia

## Milagre colombiano

A Colômbia vive uma sintonia entre história política e paixão esportiva. Enquanto a seleção exibe rigor tático na Copa do Mundo de 2026, as urnas consagraram uma virada histórica: a eleição de Abelardo de la Espriella à presidência, consolidando a guinada à direita que redesenha o tabuleiro geopolítico da América Latina. No epicentro dessa catarse, a camisa amarela da seleção converteu-se no maior símbolo de disputa e identidade nacional. A tentativa da esquerda de judicializar a vestimenta provou-se um erro estratégico. Ao apropriar-se do amarelo, De la Espriella decodificou o sentimento de uma maioria silenciosa cansada de associar os símbolos pátrios ao declínio, canalizando o orgulho popular para seu projeto de reconstrução institucional.

Esse fenômeno insere-se no realinhamento conservador que varre a América Latina. Após anos de governos progressistas marcados por estagnação econômica e criminalidade, o eleitorado redescobriu o valor da ordem, da segurança jurídica e do livre mercado. Do Cone Sul ao ecossistema andino, a nova direita compreende que a soberania exige instituições fortes e alianças estratégicas claras. A proposta de De la Espriella de alinhar a Colômbia à vanguarda diplomática ocidental reflete essa mudança geopolítica, transformando o amarelo da “Tricolor” no emblema visual desse despertar regional.

Para tanto, De la Espriella estruturou uma agenda agressiva de 90 decretos para os primeiros 100 dias, focados em desregulamen-

tação, investimentos e tolerância zero ao narcoterrorismo. Projetos estratégicos antes paralisados, como a interconexão elétrica com o Panamá, ganham uma urgência que espelha o contra-ataque veloz do futebol. A economia, sob essa ótica, deve funcionar como um meio-de-campo entrosado: menos entraves estatais, passes precisos ao setor produtivo e defesa intransigente da propriedade privada e da segurança pública, garantindo as regras fundamentais para a sociedade prosperar.

Nessa intersecção, futebol e política revelam-se complementares. O desempenho avassalador da seleção no mundial reflete uma nação que redescobriu a disciplina e a mentalidade vitoriosa. O sucesso em campo mostra que o êxito exige liderança firme e planejamento rigoroso — premissas centrais que levaram De la Espriella ao poder. Há uma simbiose psicológica entre a confiança de um povo que vê seus atletas vencerem potências globais e a coragem desse mesmo eleitorado de romper com o marasmo econômico, alimentando mutuamente a glória esportiva e a eficácia governamental.

O reconhecimento dos resultados pela oposição encerra o ciclo de incertezas e abre caminho para a transição. Ao discursar em Barranquilla vestindo orgulhosamente a camisa amarela que a justiça tentou banir, De la Espriella sinalizou o fim da timidez política. A Colômbia entra no segundo semestre de 2026 com os olhos no topo do mundo, acompanhando sua seleção rumo às fases decisivas e monitorando reformas que prometem destravar as forças vivas do país. O milagre colombiano está em campo e nas urnas, resta agora consolidá-lo com a mesma garra demonstrada nos gramados.

## EDITORIAL

## Agir rápido para não precisar reagir depois

A criação de um comitê estadual para enfrentar os efeitos do El Niño no Rio de Janeiro pode representar uma mudança importante na forma como o poder público encara os eventos climáticos extremos.

Mais do que reagir aos desastres quando eles acontecem, a iniciativa sinaliza que prevenir passou a ser uma necessidade permanente. Em um cenário de mudanças climáticas cada vez mais evidentes, essa talvez seja a única estratégia capaz de reduzir perdas humanas, econômicas e ambientais. Antes tarde do que mais tarde.

Durante muito tempo, enchentes, estiagens prolongadas, ondas de calor e incêndios florestais eram tratados como acontecimentos excepcionais. Hoje, a realidade mostra que esses eventos se tornaram mais frequentes, mais intensos e mais imprevisíveis. A pergunta deixou de ser se eles vão ocorrer. A questão agora é saber o quanto as cidades estarão preparadas quando acontecerem.

A criação de estruturas permanentes de monitoramento e coordenação entre diferentes órgãos públicos demonstra que os desafios climáticos ultrapassam a atuação isolada da Defesa Civil. Saúde, infraestrutura, meio ambiente, agricultura, assistência social e segurança pública precisam atuar de forma integrada porque os impactos também são integrados. Uma onda de calor, por exemplo, não afeta apenas a temperatura. Ela pressiona hospitais, aumenta o consumo de energia, compromete o abastecimento de água e pode favorecer incêndios em áreas urbanas e rurais.

O Brasil já acumulou experiências suficientes para compreender o custo da falta de planejamento. Tragédias recentes em diferentes estados mostraram que reconstruir sempre será mais caro do que prevenir. Além dos prejuízos materiais, existem perdas que não podem ser reparadas, especialmente quando vidas são interrompidas por eventos cujos riscos já eram conhecidos.

A prevenção também exige investimento em informação. Sistemas de monitoramento, alertas antecipados, mapeamento de áreas vulneráveis e planos de contingência só produzem resultados quando acompanhados por uma população orientada sobre como agir diante das emergências. Preparação não depende apenas da capacidade técnica do Estado, mas também da participação da sociedade.

## OPINIÃO DO LEITOR

## Complexo

A que ponto o mundo chegou. Um presidente do país mais poderoso militarmente do mundo, mente descaradamente criando sanções contra um país para chantagear e assaltar suas riquezas, usando o direito da força e não a força do direito

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

## Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher  
CLÁUDIO MAGNAVITA  
redacao@correiodamanha.com.br

## REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

## EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

## TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO  
Av. João Cabral de Mello Neto  
850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP  
22775-057

BRASÍLIA  
ST SIBSQuadra 2 conjunto B  
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO  
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,  
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,  
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal